



GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos

Coordenador(es):

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências

Debatedor/a: Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

BOE-BORORO ? Um povo Jê no Brasil Central e algumas peculiaridades culturais na atualidade

Autoria: Neimar Leandro Marido Kiga (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS) hilarioaquilera@gmail.com

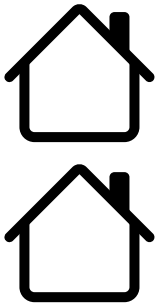
Este artigo apresentará brevemente sobre o povo Boe (Bororo), cuja complexidade da cultura é enorme. O artigo mostra algumas particularidades dessa cultura e tem como objetivo falar a respeito da cultura do povo Boe a partir de uma visãoêmica, visto que um dos autores do artigo pertence a esse povo. O artigo apresenta a cultura, como alguns rituais, artefatos, pinturas corporais, idioma, população e território. Por mais que o povo Boe já tenha contato com os não indígenas há muitos anos, muitos dos elementos culturais ainda não foram esquecidos e o work propõe mostrar o povo em sua atualidade. O work também fará parte da dissertação de um dos autores, como parte introdutória a pesquisa, ou seja, a caracterização do povo Boe. A metodologia é composta pela fundamentação teórica da Antropologia, com literaturas relacionadas ao tema abordado, entrevistas diretas com os interlocutores, conversas informais e algumas observações feitas na aldeia. As entrevistas foram feitas na aldeia Meruri, pertencente ao município de General Carneiro ? Mato Grosso, a qual um dos autores pertence. Foram feitas com pessoas de conhecimento da cultura tradicional, como anciões/anciãs. Entre os resultados da pesquisa destacam-se os novos conhecimentos acerca do povo Boe, diálogos com as comunidades tradicionais a respeito da cultura, fomento a continuidade da pesquisa.



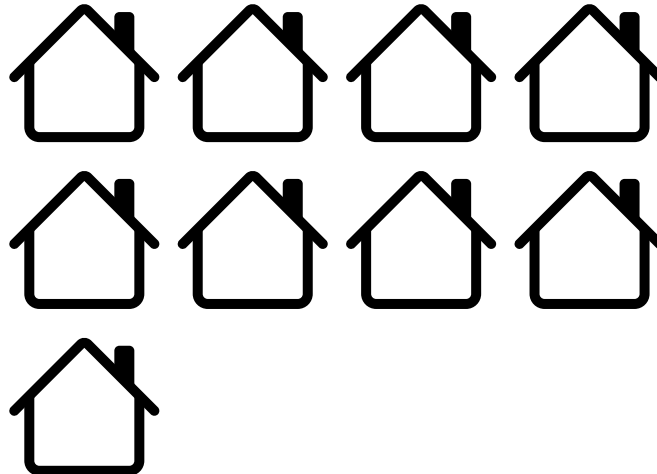
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: